
**A REPRESENTAÇÃO SOBRE LAMPIÃO PELOS VÍES DA CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA DAS PERSONAGENS LAMPIÃO E CORIOLANO NA OBRA
“OS DESVALIDOS” DE FRANCISCO DE J. C. DANTAS**

Maria Dorotéa da Silva¹

(Prof^ª. Doutoranda/ UEPB/CH-PPGL/UFPB)

Dorote.arthur@yahoo.com.br

1. Introdução

A literatura é mais do que mera fotografia da sociedade: é sua voz. Uma obra literária não é apenas uma imagem de certo aspecto social, é também a maneira pela qual aspectos sociais se revelam. A obra literária é, pois, uma expressão as sociedade. Nesse sentido “os desvalidos” deixaria de ser romance se apenas “fotografasse” esta realidade. Porém, mais do que isso, o projeto estético de “os desvalidos” conta com um potente trabalho com a linguagem : A oralidade da escrita, o discurso indireto livre que abre para a diferença, as imagens inusitadas, o neologismo : eis aí algumas das ferramentas utilizadas pelo escritor.

Ainda sobre a linguagem empregada em “os desvalidos” também há um aspecto que pode nos levar à impressão de realidade: o fluxo de consciência, pelo qual tudo parece “retratar” como um sertanejo nordestino “realmente” falaria. Os “erros” gramaticais, a oralidade, os regionalismos: tudo isso aumenta a sensação de que estamos diante de uma descrição espetacular da realidade. Mérito de Dantas (1993) que conseguiu este efeito de real, para usar a noção de Barthes (2004), através do trabalho com a linguagem.

¹ Professora Ms^a. da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH), doutoranda pela Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB).

O tema do sertão, dos cangaceiros e dos marginalizados é apresentado por Francisco Dantas, em “Os desvalidos”, obra que apresenta como pano de fundo a história de Lampião. No romance o famoso cangaceiro fala sobre sua vida no cangaço e da miséria de alguém que conheceu de perto os problemas sociais nordestinos.

A relação entre literatura e história tem suscitado interesse da crítica e do público nas últimas décadas. Assim, a proposta desse estudo é analisar a construção da memória discursiva sobre Lampião, no interior das vozes de Coriolano e Lampião, personagens do romance “Os desvalidos” de Francisco J. C. Dantas, tendo como foco de análise a construção da identidade e a representação do homem nordestino e seus valores.

Em “Os desvalidos” a personagem histórica Lampião contrapõe sua voz a outras vozes, tornando-se Lampião uma figura ambígua, entre herói e desvalido. Coriolano, por sua vez, é o personagem-narrador, um indivíduo que no percurso de sua vida se deparou com os flagelos, com o fracasso e com a humilhação, tendo em sua vida uma sina: não conseguir voltar para sua terra, mesmo depois da morte de Lampião, personagem que o amedrontava.

O romance apresenta, dessa forma uma releitura sobre o cangaço, usando o entrecruzamento dos discursos histórico e ficcional para propor uma revisão da história contada pelos meios oficiais, apresentando por meio das vozes das duas personagens, problemas históricos e sociais do Nordeste.

Assim, tendo por metodologia a pesquisa bibliográfica e a Análise do Discurso, esse estudo adentra nessa particularidade da obra: a representação por meio das expressões referenciais sobre o cangaço e o sertanejo pelo viés da construção identitária das personagens Lampião e Coriolano que apresentam em seus discursos a realidade social na qual estão inseridos.

2. LITERATURA COMO FICÇÃO

A Literatura como ficção constrói mundos específicos. Essa característica está relacionada com a sua qualidade de obra de arte, que estabelece uma união entre mundo real (vivenciado) e o mundo da imaginação. Se a literatura estivesse somente

ligada ao mundo real, ela seria no máximo um documento histórico; se fosse somente produto da imaginação humana, sem a mínima conexão como mundo dos fatos, seria ininteligível para qualquer outra pessoa que não o seu próprio autor. Todavia, é justamente pelo fato de se situar na área fronteira, não se fechando em nenhuma das direções, que confere à literatura a condição de ser sempre compreendida e contemplada no contexto social, mesmo quando está além do tempo e cultura em que foi criada. Antônio Cândido (2000, p.122), analisando a relação entre o real e o imaginário na literatura, discute este valor da obra artística:

Para o artista, o mundo e o homem são abismos de virtualidades, e ele será tanto mais original quanto mais fundo baixar na pesquisa, trazendo como resultado um mundo e um homem diferentes, compostos de elementos que deformou a partir dos modelos reais, conscientes ou inconscientes propostos. Se o puder fazer, estará criando o seu mundo, o seu homem, mais elucidativos que os da observação comum, porque os feitos com suas sementes que permitem chegar a uma realidade em potencia, mais ampla e significativa.

O romance apresenta, a partir do exposto, toda essa possibilidade de evolução no tempo e espaço que pode abarcar os temas mais complexos da realidade que, no caso de Dantas (1993) é apresentada no uso das virtualidades da linguagem.

3. OLHARES SOBRE LAMPIÃO

A construção discursiva das personagens Coriolano e Lampião, relativos a este último, mostra que os fatos históricos se fazem presentes na memória narrativa-ficcional em torno da história do lugar, em que a figura de Lampião é vista como um símbolo contraditório. Isso se constata a partir da construção da imagem positiva e/ou negativa por meio do emprego das expressões referenciais, extraídas de fragmentos das vozes das personagens Coriolano e Lampião.

As expressões referenciais, formas lingüísticas, permitem constatar a grande complexidade na produção de um texto, interativamente, construído ou reconstruído pelo sujeito do discurso, nas práticas sociais (KOCH, 2002). Para a análise que esse trabalho pretende empreender, são consideradas as expressões que conotam: 1) os olhares positivos; 2) os olhares negativos; 3) os olhares contraditórios. Entretanto antes

da análise, se faz necessária uma contextualização, a partir do estudo de especialistas sobre o tema em destaque.

3.1 LAMPIÃO E O CANGAÇO: UMA VISÃO HISTÓRICA

A quantidade de informações sobre o universo do cangaço permite aos estudiosos do fenômeno elucidar histórias bastante preciosas sobre atitudes e ações, entre tantos outros aspectos, da vida dos cangaceiros, e, especialmente da vida de Lampião.

Nesse sentido, é ao longo do século XIX, mais precisamente na sua segunda metade, que se vê na vida social do sertanejo do Nordeste do Brasil a criminalização do viver pelas armas, nos planos jurídico, histórico, sociológico e econômico. Daí data o uso das expressões “cangaço” e “cangaceiro”, tempo em que a lei e as autoridades não eram respeitadas nas terras do sertão do Brasil; tempos em que a guerra e a vingança privadas eram práticas importantes de uma ordem um tanto Barbará, mas real, tendo o cangaço se tornado uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada.

De acordo com Rui Facó (1983, p. 45), “era legítimo que esses homens sem terra, bens, direitos, buscassem uma saída nos grupos de cangaceiros, almejando uma vida melhor. Muitas vezes lutando ao seu modo de armas nas mãos”. Dessa forma, a criminalidade deve ser vista antes de tudo, como geradora de uma subcultura dentro da cultura sertaneja. (MELLO, 2005)

Segundo Faço (1993), os cangaceiros eram pobres do campo que saíam para as lutas, que começaram a adquirir caráter social e que deveriam decidir seu próprio destino: era uma luta em função da terra. Mais que meio de vida para garantir sua sobrevivência, o cangaceiro proliferava-se no Nordeste, sobretudo nas grandes secas.

Para Chiavenato (1990), a revolta dos sertanejos induziu ao crime e os inconformados com a situação de injustiça no sertão Nordestino. Tratava-se de uma revolta espontânea, sem consciência social, os grupos rebeldes não tinham nenhum projeto político e partiam para o crime de maneira desenfreada. Para o autor,

[...] os cangaceiros não pretendiam a terra, não lutavam pela igualdade social. Eram rebeldes que buscavam no crime uma sobrevivência mais fácil, impossível pelo trabalho. Não tinham reivindicações políticas nem sociais. Disputavam um espaço para cometer seus atropelos. Eram a opção racional, se é que se pode usar essa palavra para o latifúndio ameaçado pela miséria do povo. (CHIAVENATO, 1990, p. 17)

Além das condições sociológicas do surgimento do cangaço, a degenerescência moral advinda das novas relações sociais, abordando o cangaço muitas vezes como um destino, uma determinação dos céus. Os cangaceiros seriam vingadores de Deus contra as imoralidades praticadas pelos poderosos, seria uma rebelião contra as injustiças.

Mello (2004, p. 89) diferencia, por sua vez, as motivações, os interesses e as aspirações do cangaceirismo no Nordeste apontando três formas básicas:

[...] o cangaço meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço refugio. [...] foi a modalidade profissional do cangaço, que teve em Lampião e Antônio Silvino seus representantes máximos. O segundo tipo encontra no finalismo da ação guerreira seu representante, voltada toda ela para o objetivo da vingança, o traço definidor mais forte. Foi o cangaço nobre, das gestas fascinantes de um Sinhô Pereira, um Jesuíno Brilhante e Luís Padre. Na terceira forma, o cangaço figura como última instância de salvação para homens perseguidos. Representava nada mais que um refúgio, um esconderijo, espécie de asilo nômade das caatingas.

Não obstante essa classificação, o nome de Lampião foi o que mais se destacou. Virgulino Ferreira foi o último cangaceiro, tendo seu auge nas décadas de 20 e 30 do século XX. Por um lado, Lampião foi tido como bandido, principalmente pelas forças governamentais, por outro lado, foi louvado como herói, justiceiro que punia pelo pobre, o que demonstra a característica multifacetada do cangaceiro.

De acordo com Ferreira, Amaury (1997), a sua presença, ousadia e destemor tornaram-no figura de destaque nos noticiários diários do país inteiro, exigindo atenção cada vez maior por parte das autoridades e da elite social e econômica, desafiadas pública e nacionalmente a liquidá-lo.

Conforme as reflexões de Souza (2207, p. 28), “o cangaço é comparado a uma colcha de retalhos com pedaços de varias cores e estampas, tendo a mais colorida e trabalhada na figura de Lampião, ora perverso, ora bondoso, ‘santo’ e ‘demônio’”. Guerreiros (1953, p. 17), por sua vez, afirma que Lampião era “um mundo de contrastes, um complexo enigmático e um gênio ao reopntar a vida”. Enfim para Chiavenato (1990), esse cangaceiro é o símbolo por excelência do povo nordestino. Herói ou bandido dependendo da ocasião.

Em vista do exposto, é salutar compreender, do ponto de vista da analise textual das vozes de Coriolano e do próprio Lampião, a construção identitária dessa personagem.

3.2 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA DE LAMPIÃO NA SUA VOZ

Na obra analisada, Lampião quer ser visto como um sujeito bom e compassivo, vítima das artimanhas e traição dos coronéis sertanejos, faceta que não foi acentuada pelos meios de divulgação que trataram do tema do cangaço e de Virgulino Ferreira. Através do fluxo de consciência, Lampião reflete sua indignação:

Traído... sempre traído! E quantas vezes! Parece até que a história dos homens se apura por ai! Quanto mais graúdo e mais gabado é o nome de uma coronel, mais ficam encobertas as armadilhas e patifarias que os jagunços cometem com a sua permissão, de tal forma que botando assim outros culpados pela frente, o manhoso se resguarda dos crimes que financia, e vai vivendo sem que lhe cobrem um só pingão das vilezas semeadas, cada vez mais honradão de larguezas e canduras, engordando a própria fama e desacatos de tamanha impunidade! Que pelo menos foi essa a paga que sempre recebi dos grandalhões, a quem servi em erro, engabelado, pensando que em nome dos leprentos cobrava mercedos desagavos de pontoo de honra, quando na verdade fazia era punir sem justiça um ou outro sujeito de bom calibre e boa raça que não sabia viver de focinho varrendo o chão. Desse modo, numa burrice filha da peste, fui adubando o poderio desses monarcas treitentos, que chupam o sangue da pobreza e nunca se aquietam, achando pouco a ruma de possuídos. (DANTAS, 1993, p. 151)

Construída discursivamente por meio de cadeias referenciais implícitas, o sujeito faz remissão a elementos inferidos a partir da superfície do texto por ele produzido, como: traição honradez, justiceiro. Esses elementos vão auxiliar o produtor

na progressão referencial do texto, atuando diretamente na organização de informações-suporte, coerentes e coesas, acionadas pela personagem na interação verbal. Informações estas que servem de base para a reconstrução de sua imagem de tal modo, que o referente apresentado continua em foco, isto é, presente em sua memória episódica. Através desta memória é possível recuperar acontecimentos vivenciados, e/ou experimentados por ele, Lampião, contribuindo para a reconstrução da imagem do cangaceiro de forma positiva.

Nesse fragmento da obra “Os Desvalidos” é possível perceber a ambigüidade do cangaceiro, haja vista que Lampião, quer ser (re)conhecido pelos gestos nobres. Cabe, nesse caso, as considerações de Galvão (1972), p. 12), ao afirmar que “a condição do sertanejo pobre é ambígua, como sua dispensabilidade redundando em dependência, sua liberdade em submissão,; isto se passa, todavia, fora de sua consciência”. Nesse caso o meio de sobreviver para o sertanejo é colocar-se ao lado, sob a proteção de um dos pólos representativos do poder, como é possível observar no seguinte fragmento:

[...] Lampião invoca os parentes decaídos em defesa do cangaço, em nome de não ser preso que nem Antônio Silvino, e mais por um ponto de orgulho de quem já está acostumado a se ver temido, e procurado para coisas de justiça, sem render vassalagem a seu ninguém a ponto de sentir animado a seguir em frente, mesmo retalhado por dentro e bem sozinho, como se fora um sobrevivente condenado a punir até o fim o sangue bravo e generoso de sua gente honrada e padecida, muito diferente dos grandolas e impostores como o coronel Petrolino.

No fragmento exposto Lampião, se configura como um herói e paladino da lei e da justiça, um dos pólos do poder a quem o pobre explorado, marginalizado e injustiçado pode recorrer.

Também o clérigo, segundo Lampião, se assemelha aos coronéis. Nesse caso, Lampião retoma o tema da traição, colocando-se como um infortunado a quem Padre

Cícero contrata para matar Prestes, entregando-lhe a falsa patente de capitão e ameaçando-o de levantar falso testemunho sobre o cangaceiro:

O danado do santo sabia, de antigo vezo, que é de humana fraqueza se sentir de algum jeito festejado. Por isso, carregando a mão em demasias, não se poupou em regar a vaidade do afilhado. Mas nem bem tinha enxugado este tal parapapá de espertalhona acolhida, num rapapé rasgado em muitas sedas, o santo se endireitou abotoando a batina e engatilhou a tacada: a ele, Virgulino Lampião, era concedida a honrosa encomenda de arrancar a cabeça do tal Prestes, com quem o governo sozinho mostrava que não podia; que ele fosse desempenstar em nome de Deus a fedentina do anticristo que cuspiam na religião e no país. E foi em paga da jura desse servicinho de bom patriota em santa cruzada que o Padim me passou, a modo de fiança e adiantamento, esta patente safada que envergonha o couro do meu embornal. A seguir, o despachou em severa sisudez, encarecendo que ele, Virgulino, agora do governo capitão, tinha enfim autoridade para arrebentar a tropa que quisesse e entrar em qualquer estado em busca do inimigo, sem nenhuma volante a o molestar [...] è deveras... um santo daquele, tão gabado pelo povo... e em vez de pedir que me endireitasse, veio foi com esta encomenda do sataná, igualzinho aos coronéis com quem tratei, que me reservaram um bocado mais fedido. E depois... ainda consta que o santo me chamou de menino doido – e ainda mais pelas costas! Isso dói meu povinho! Bem que ainda em Juazeiro me avisou o mano Antônio: Virgulino... Virgulino... toma tento de homem! Não vá este papel ser arte ou pagadio de traição! Dito e feito! (DANTAS, 1993, p. 157)

Observa, portanto, que o texto ao conceder voz ao cangaceiro, oportuniza aos leitores o conhecimento da história também por seu viés enquanto, também indivíduo explorado, humilhado e desvalido, em um mesmo patamar das demais personagens da obra e do sertanejo da década de 1930, porém, diferente das demais, se configurou como produto das escolhas feitas diante das opções que a vida lhe proporcionou.

3.3 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA DE LAMPIÃO NA VOZ DE CORIOLANO

Coriolano é uma personagem, infortunado, culto e atormentado pela consciência da sua própria insignificância. Ao contrario de Lampião, entregou-se a sua sina e ao temor de enfrentá-la, ruminando seus infortúnios em suas memórias.

A partir da leitura da obra, percebe-se que a personagem constrói uma dupla imagem de Lampião evidenciada no conjunto de elementos referenciais como satanás condenada e bandoleiro:

Se no lastro deste Brasil tiver algum suplicante que puna pelos errados, ou algum padreco acoloiado com a laia do satanás, rumina Coriolano, na certa amanhã vai ter missa de mês pela alma condenada do finado Lampião. Não porém aqui na biboca de Sergipe, onde uma redada de fazendeiros, ainda refestelada pela degolada dos onze, vai matar junta de boi com um derrame de canadas de cachaça em meio a vivórios e dúzia de rojões – tudo isso por ter o Pai do Céu livrado as boas famílias e seus cabedais das garras do bandoleiro. (DANTAS, 1993, p. 80)

[...] na verdade é um malvado do Satanás. Raspa osso de canela a ponta de punhal. Se me pegar de novo vou ser frito e cozido. Peguei aí os folhetos de Ataíde, de Chico Chagas Baptista, tenho deles boas dúzias, e veja que Virgulino é muito mais perverso do que Antônio Silvino, embora que ele também não fosse nenhuma flor que se cheire! Desconte a invencionice, o que eles atocham de boniteza pra emprestar aos dois malvados bondade e boa figura – veja só o que resta! To inteirado de tudo! (Op. Cit, p. 176)

Observa-se, também, pelo uso da descrição referencial que, na voz de Coriolano, a figura de Lampião é caracterizada de forma negativa ao considerá-lo, como um Herodes, adjetivando-o como perverso: “Engoli a desfeita do Herodes, que não era nenhum monarca luxento que nem o povo falava [...]” (Op. Cit, p. 112); ou como malafazejo: “Há mais de quarenta dias que o malafazejo foi empurrado para o inferno já despeçoado, e eu aqui cagado de besta, que nem um bode amarrado”. (p. 116). Nesse sentido, Lampião surge na voz de Coriolano como a representação do próprio mal.

Por outro lado, a própria voz de Coriolano apresenta visões opostas sobre Lampião, por meio de uma dualidade que vai além do maniqueísmo, conforme os fragmentos a seguir:

Meio arredado num canto, o capitão pouco se mostrava, pobrezinho de algum entusiasmo. Tirante a fama que tinha, assim tocado de perto, nem parecia o valentão que abria cofres, portas e sorrisos; o homem que por de cá aquela palha fica logo azuntado e faz sangue esguichar. (Op. Cit, p. 112)

[...] Lampião agora se preocupa em estancar a sangria do reboque de carne arrancado ao pé da crina, onde falta um tufo de cabelo. E mal tira-lhe os arreios, o corpo estalfado do ferido cmbeca de lado e afrouxa as pernas[...]. as mãos do cangaceiro semeadoras de morte agora se apiedam: soltam o fuzil, puxam o anel de lenço de seda de Lyon que lhe enfeita o pescoço e fazem dele uma atadura no rombo do animal, procurando ajeitar e iludir a toques de carinho essa moribunda vidinha já bem rente ao chão. (Op. Cit, p. 149)

Com vistas aos fragmentos apresentados, percebe-se que no discurso de Coriolano sobre Lampião a imagem do cangaceiro se apresenta conflitante sobre, o que corrobora, via uso de processos referenciais, a hipótese da complexidade do tema e da ambigüidade inerente da imagem pública desta personagem, não se podendo enquadrá-lo nos limites do bem e do mal, mas sim como um desvalido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a constituição da identidade de uma personagem tão emblemática como Lampião, por meio da materialidade de uma narrativa literária, implica em um exercício de apreensão dos sentidos que as personagens selecionadas para este estudo atribuem às situações vivenciadas, pois a apresentação de si mesmo é sempre uma pretensão de reconhecimento.

A narrativa é constituída de fatos que a personagem apresenta e cabe ao pesquisador analisar as entrelinhas de sua narrativa para compreender o que está posto nessa apresentação, esse sem duvida foi nosso desafio.

As histórias individuais narradas por Coriolano e Lampião carregam em si a história do coletivo, do homem sertanejo, do marginalizado. Assim como Lampião, outros indivíduos a quem eram negado o direito a justiça e buscavam-na com as próprias mãos, tornando-se foragidos, refugiando-se no cangaço com meio de defesas e sobrevivência. Coriolano, por sua vez, deixa transpor em sua imagem de Lampião sob o domínio de justiça e, em outros momentos, como um rei do terror. Contradições de seus processos referenciais, a partir do mito Lampião. Também ele, Coriolano, é um marginalizado e protagonista por excelência das suas narrativas. Um infelizmente e decadente boticário, culto de letras, mas fraco para questões da vida, aquele que não teve a coragem da escolha mediante as opções apresentadas, ou, segundo seu discurso, a quem não foi dado nenhuma opção. De qualquer forma, são as duas personagens seres marginais, desvalidos em sua sina, cada qual em esferas distintas: Lampião, ícone do homem sertanejo, enredado em seu destino por conflitos individuais e coletivos, que lhe desassossega a alma. Coriolano, ultrajado em sua humanidade, atormentado pela consciência da própria insignificância, entregue a própria sorte e mais um que configura o povo abandonado e esquecido do sertão nordestino. Dois personagens antagônicos em sua natureza, mas semelhantes na orfandade social, atormentados solitários e desvalidos.

A rememoração de alguns fatos que retratam a saga de Lampião, a construção e veiculação de memórias a seu respeito, entendida a luz de uma articulação entre teorias sociais, histórias e lingüísticas, é o material desta pesquisa. O interesse por esta temática deriva de uma motivação pessoal: demonstração de reconhecimento de nossas origens. Crescemos ouvindo muitas histórias impressionantes sobre “o bandido mais ousado do sertão”, o que se constituiu em fator decisivo para a nossa tomada de decisão quanto ao trabalho com fontes orais, com falantes que nos proporcionam preciosas informações.

Sobrepondo-se ao interesse pelo estudo da memória, justifica-se a escolha do tema à oportunidade que tivemos de cursar, no primeiro ano de doutoramento a disciplina de Tópicos de Linguística Textual, com a professora Ingedore Koch. A partir das discussões semanais, descobrimos a importância e valor dos estudos sobre as atividades referenciais. É, sem dúvida, a questão da referencia um dos temas mais instigantes, palpantes e apaixonantes quando se trata de analisar atividades discursivas, como nos tem mostrado lingüistas, filósofos, sociólogos, psicólogos.

Tais estudos, preocupados com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem, passam a adotar em suas investigações abordagens sócio-cognitivas e interacionistas no entendimento da relação entre linguagem e mundo.

À luz dessas pesquisas, desenvolvemos este trabalho que pretende dar uma pequena contribuição para o campo dos estudos da referenciação no Brasil, levando-se em consideração justamente a relação entre a conservação da memória social e a construção de processos referenciais.

Ao examinar estudos de pesquisadores brasileiros sobre a referenciação, verifica-se que pouco se tem explorado este viés teórico que se situa na interface entre a Sociologia e a Linguística, sobretudo, no que diz respeito às atividades referenciais de sujeitos em relação aos processos de construção e reconstrução da memória social. Assim, a consulta a fontes especializadas sobre o fenômeno do cangaço e a articulação entre concepções de linguagem e de memória constituem o alicerce teórico desta investigação. Quanto ao corpus do trabalho, trata-se de um conjunto de testemunhos que revelam a autovisão do homem sertanejo.

Ao longo do século XIX, mais precisamente na segunda metade, o que se vê na vida social do sertanejo do Nordeste do Brasil é a criminalização do viver pelas armas, nos planos jurídico, histórico, sociológico e econômico. Data daí o uso das expressões “cangaço” e “cangaceiro”, tempo em que a lei e as autoridades não eram respeitadas nas terras do sertão do Brasil; tempos em que a guerra e a vingança privadas eram práticas importantes de uma ordem um tanto Barbara, mas real, tendo o cangaço se tornado uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada. Dessa forma,

a criminalidade (Mello, 2005) deve ser vista, antes de tudo, como geradora de uma subcultura dentro da cultura sertaneja.

A quantidade de informações sobre o universo do cangaço permite aos estudiosos do fenômeno elucidar e reconstruir histórias bastante preciosas sobre atitudes e ações, entre tantos outros aspectos, da vida dos cangaceiros, e, especialmente, da vida de Lampião.

Pode-se dizer que uma parcela da população sertaneja abonava o cangaço e que muitos torciam pela vitória dos cangaceiros com quem simpatizavam. Os mais famosos do cangaço, como Lampião, eram exaltados através dos versos dos cantadores de feira, emboladores e cegos rabequistas, todos dispostos a cantar a última façanha de guerra do grupo de sua preferência, particularmente, do de Lampião. Também, a literatura de cordel se encarregou dessa celebração.

REFERÊNCIA

BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura Brasileira.** 9 ed. Vol. 1 e 2. Belo Horizonte. Rio de Janeiro: editora Itatiaia Limitada, 2000.

CHIAVENTO, Júlio José. **Cangaço a força do Coronel.** São Paulo: brasiliense, 1990.

DANTAS, Francisco. **Os desvalidos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso.** São Paulo: perspectiva, 1972.

GUEIROS, Optato. **Lampião:** memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes. Recife, 1953.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol:** violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A girafa, 2004.